



O

cube

ÌNDICE

Prefácio.....	Pág 03
Cap 01 – O Convite.....	Pág 07
Cap 02 – No Ventre da Serpente.....	Pág 17
Cap 03 – Por Conta Própria.....	Pág 33
Cap 04 – Zeno Kanova, um canibal?.....	Pág 42
Cap 05 – O Banquete da Besta.....	Pág 57

PREFÁCIO

Até aonde podemos cair quando o abismo se abre aos nossos pés, quando despencamos na imensidão de nós mesmos? Quando uma infinidade de possibilidades nos é apresentada, jogada em nossa cara? Creio que somos feitos das portas que abrimos, e também, das que fechamos. Enzo Caio, o protagonista deste livro, irá enfrentar as conseqüências de abrir portas. Abrir portas requer coragem, requer honestidade. Nem tudo são flores quando cruzamos soleiras, umbrais; quando cruzamos divisórias que há muito, muito tempo, nos dizem serem proibidas, e nos aconselham a não tocar em seus trincos, a não encará-las; mas convenhamos, não há nada que nos atraia mais do que as coisas proibidas. Os dedos medrosos e trêmulos que nos apontam essas portas e nos pedem para que fiquemos longe, são os mesmo que espargem a moral asséptica que crêem poder protegê-los, porém, nem tudo é tão simples. Existem os aventureiros que aceitam esse desafio e vão em frente sabendo que mais adiante terão de arcar com as conseqüências. Ah... as conseqüências... sim, é de como voltamos da aventura que conta, o que trazemos em nossas mãos, ou o sangue que escorre de nosso olho, enfim, o que encontraremos ao voltar a olharmo-nos no espelho. Enzo Caio aceitou o desafio, pois se julgava um escritor medíocre e não tendo nada a perder, concluiu que ao juntar-se aos cruzadores de portas e depois escrever sobre eles lhe traria a fama, a fortuna e o respeito da mulher amada. Mas, novamente, nada é tão simples... as decisões que tomamos podem trazer conseqüências, principalmente se pensarmos só em fama e fortuna. Se por um lado existem os dedos medrosos que aconselham a distância e o temor das referidas portas, por outro existem as mãos suaves e

cavalheirescas que as abrem e formulam o convite ao desconhecido. Nosso herói tem de pagar um preço, mas estaria pronto para isso? Esta é a proposta que lhe é feita por um autor veterano, pois este acredita que a escrita exangue e ingênua de Enzo se dá justamente por este não cruzar os portais certos. Um outro mundo é apresentado ao nosso protagonista, um mundo que cheira à faca, sangue, e carne... *'gosta da carne, Enzo?'* esta é uma pergunta que confundirá o novato escritor, e será um dos tantos fatores que o empurrarão para a queda em um abismo sombrio; um corpo que cai livre, solitário, desnudo e sem máscara, na imensidão de si mesmo. Agora já não tem volta, as máscaras caíram, despedaçaram-se e as portas já estão abertas... então, restam as conseqüências e como lidar com elas. Enzo Caio descobrirá que ninguém é tão simples quanto parece e que ele não era tão simples quanto imaginava. Ma isso é bom ou ruim, é *'bom'* ou *'mau'*? É o que Enzo vai saber, sentindo um amargo [ou doce?] gosto de crime na boca. Ao deixar pelo caminho a antiga pele para trás, tal qual uma cobra, verá descortinada à sua frente a possibilidade de ser um novo homem, mas, quem será este? O caro leitor saberá em breve...

Neste livro abordo mais uma vez a dança perpétua entre luz e sombras e, também mais uma vez, ao fazê-lo, deixo de lado aquela velha carrancuda e ladina chamada *"Moral"*, velha esta que com seu tempero caseiro contamina tudo com aquele *'e viveram felizes para sempre'*; prefiro a vida real e os caminhos e descaminhos que ela implica; é mais interessante e mais divertido! E se tem uma coisa para qual não nasci é para o tal *'vale de lágrimas'*, que a velhota essa tanto ama. Prefiro esta dança misteriosa: a da luz e sombra... mas lembrem-se, é a luz que ilumina a porta e ela vai só até ali, depois, bem, depois estamos por nossa conta, como é o caso de Enzo Caio. Em tempo, é bom avisar aos navegantes: às almas singelas e impressionáveis não aconselho a leitura deste livro, aos demais, boa leitura.

Roberto Axe

Porto Alegre, 26 de setembro de 2012

Este livro é dedicado aos que têm coragem de ousar, e ousar é abrir portas! É desvestir máscaras!

Roberto Axe

Quando mergulhamos em nossos abismos, ficamos reféns da nossa própria imensidão...

O Autor

O CLUBE

Cap 01

O CONVITE

Posso?

- Como? – surpreendeu-se Enzo; absorto que estava na leitura do livro de sua autoria. A chegada de surpresa daquele estranho, ali, em pé à sua frente foi como um tapa na cara. Tudo que não queria era intrusos neste momento. Tirar os olhos abruptamente de suas letras soou como uma invasão a domicílio, algo inimaginável, violento. Por isso mesmo resolvera tomar seu café tão longe de casa, em um bar distante. Socara-se no fundo do pequeno recinto, certificando-se assim de que não teria chance alguma de ser perturbado. Era sua primeira leitura, seu primeiro livro, era um momento sagrado, envolto em magia, tinha de estar só... e agora aquele homem.. que impertinente! Olhou nos olhos do recém-chegado de um jeito tal que ficasse claro sua indignação; afinal quem era esse homem? O que queria? – Posso? – pergunta ele, sim, quer sentar, quer conversar, quer encher! – Não, não pode! – pensou em responder de pronto, mas vencido pela curiosidade, baixou calmamente o livro e colocou-o sobre a mesa. O homem vestia uma grossa gabardine caqui e agora retirava seu chapéu cinza estilo *fedora*, deixando um semblante amistoso, porém enigmático ficar mais às claras.

- Permita que me apresente, meu nome é Rodolfo Zattan. Talvez já tenha ouvido falar no meu nome, isto é... se você realmente gosta do que faz.

Enzo arregalou os olhos, Rodolfo Zattan! Sim, sim, o escritor! Ora essa! Lera algo sobre seus livros, embora não os tivesse propriamente *lido*, mas realmente era alguém de nome. Lera uma resenha de *Assassinato nas Sombras* e havia ficado inclinado a adquirir o livro... tinha uma violência crua, brutal e realista, de uma natureza espantosamente instintiva...bem, sim, Zattan... ora porque não? Levantou-se para saudar o autor, sem jeito, meio incrédulo ainda.

- Claro, me perdoe, é que não o conhecia pessoalmente, me desculpe a grosseria.

- Normal – disse Rodolfo, através da bonomia de um sorriso, um sorriso que deixou Enzo bem mais à vontade. Ambos sentaram. O homem botou seu chapéu sobre a mesa.

- Primeiro livro, hein? Ah, me lembro bem – disse Rodolfo – o cheiro, sim, não esqueço do cheiro, não é exagero dizer que li meu primeiro livro com o nariz! Hehe...

- Bem... Senhor Rodolfo, como sabe que é meu primeiro livro? Acaso já estarei ficando famoso? – brincou o autor novato, meio sem jeito.

- Hahahaha – a gargalhada fria de Zattan, irritou um pouco Enzo – calma meu jovem, calma. Você chega lá... ou não. Aliás, por isso estou aqui – quando o garçom chegou à mesa, Rodolfo pediu uísque sem gelo, uma dose – sim, li o seu livro, faça isso sempre com novos autores. É um vício. Saudável, diga-se de passagem, pois posso abordá-los no nascedouro e trocar algumas idéias, por isso estou aqui. Sei também que você editou por uma pequena editora, de um amigo, tiragem pequena, tudo bem, isso é o de menos. – a xeretice de Zattan, começou a incomodar o autor novato, como sabia destas coisas? Afinal, que espécie de escritor era esse? Não haveria de ter nada melhor para se preocupar do que enfiar seu nariz na obra dos autores incipientes? Começou a se sentir desconfortável – *Na Boca do Lobo*, boa garoto, gostei; sabe... existem hoje poucos autores que se aventuram na área do terror, nem que seja terror psicológico, que, pensei, haveria de virar moda. Enganei-me, isso é algo que se toca com muito cuidado, tenho que lhe dar parabéns pela valentia. Espero realmente que prossiga o que começou. Tem potencial, fosse outro eu não estaria aqui. Por isso, espero não estar perdendo meu tempo.

- Bem, senhor Zattan, quanto a perder o seu tempo, só poderei saber se me disser a que veio, realmente até agora não entendi.

- Me chame só de Zattan, meu filho, somos colegas, não? Hehe... Escrevo livros de terror, suspense, como você sabe; é natural que eu me interesse por outros autores...

- Ah... agora já entendi, - cortou Enzo - você veio conferir a concorrência, interessante tática, devo admitir... e o que faz com gente talentosa Zattan... – Enzo aproximou seu rosto do rosto de Rodolfo e olhou para os lados como se fosse confidenciar algo, tinha um ar de deboche – ...as elimina?

Rodolfo sorriu, sem tirar os olhos dos de Enzo, com tanta frieza, que este sentiu correr um frio pela espinha – Ao contrário, meu jovem, embora tenha de reconhecer que em alguns casos dá vontade. Não no seu, seu texto é insinuante, parece que vai germinar a qualquer momento, mas, infelizmente morre na semente, se me permite dizer.

- Ah é? – disse Enzo, tirando seus óculos de armação fina, e olhando dentro dos olhos do impertinente; mantinha o ar de deboche – então, você veio me ajudar; um mecenas, hein? Sua sabedoria será a estufa que fará germinar minhas débeis sementes literárias. Por favor, continue...

- Seu sarcasmo é bom. Cinismo nunca será demais num escritor, pena que não saiba transpor para seus textos. Você escreve como um intelectual. Deveria dissertar sobre outros assuntos, porém, entrou numa seara que não conhece; resultado? Seu livro soa totalmente falso. Esta é a verdade. Você escreve com o intelecto assuntos que deveriam ser escritos

com as próprias entranhas! Você não sabe sangrar, e isso é péssimo para um autor que se propõe a abordar temas tão complexos. Quem não entende de sangue deveria se dedicar às ‘coisas elevadas’ ou a qualquer assunto que não envolvesse facas afiadas e cortes profundos. Você conhece acaso a fúria que acomete um psicopata assassino antes do ato fatal para arriscar descrevê-la a partir da mente do praticante do crime? Como você pode ousar tal coisa? Soa falso. Um bom menino como você deveria se preocupar com outras coisas.

- Quanta generosidade a sua, se deslocar do inferno ou sei lá de onde para me desestimular a prosseguir em minha carreira. Diga-me, será mesmo que deveremos praticar os crimes que descrevemos nos livros para conseguir a tal ‘verdade’ do texto? Então todos os escritores de livros de terror seriam... – Enzo reparou no sorriso estático de Zattan, algo enigmático, quase intransponível, amedrontador até - ...isso é loucura! – o rapaz tirou os olhos de seu misterioso interlocutor e não sabia onde enfiá-los, estava perturbado. – Afinal, o quer você?

- Acordá-lo. Faça outra coisa, escreva sobre romances juvenis, contos sobre as pequenas mazelas do dia a dia, qualquer coisa, mas afaste-se do gênero a que se propõe. É para seu próprio bem que digo isso... – Rodolfo parou de falar enquanto o garçom colocava o copo com seu uísque na mesa, tão logo este se afastou ele prosseguiu - você não obterá sucesso com isso, lhe garanto, só vai fazer desacreditar mais nossa profissão de escritores das sombras. Para escrever sobre isso é preciso que mergulhe em abismos muito negros e profundos, e você me parece alguém que apenas gosta de andar com a água pelos joelhos, sim, molha as pernas, mas jamais conhecerá os segredos desse mar. Isto não é para qualquer um. É preciso ter muita coragem para prosseguir; bem, estou aqui para saber se realmente você tem essa coragem. Se tiver poderei ajudá-lo, do contrário, faça outra coisa, será melhor para você. – Enzo leu aí as entrelinhas de uma ameaça. Encarou Zattan com força, mas sentiu no semblante agora duro do interlocutor, que realmente este não brincava. Tinha o rosto comprido e cabelos ainda negros embora estivesse quase careca; o olhar era penetrante e incômodo. Era um homem talvez perto dos sessenta anos, mas era difícil de saber, Zattan era daquelas pessoas que não se consegue adivinhar a idade. A voz era calma e forte. Tudo isto incomodava Enzo.

- Me diga, Zattan, e se eu continuar escrevendo sobre o que gosto, o que você vai fazer? – o veterano escritor explodiu em uma gargalhada, e ao retornar ao seu semblante misterioso disse ao jovem: - Não vou fazer nada, querido, o eu faria? Sabe, meu filho, este é um mercado muito específico, o dos livros negros, você ficará no limbo. Morrerá sozinho, de inanição. É um mercado fantástico este nosso, são milhões de pessoas que querem ser surpreendidas, assustadas, aterrorizadas, escandalizadas. Sua obra não tem força para isso; é preciso conduzi-las a um mundo sombrio através de umbrais os quais quem lê sabe que a partir dali não terá mais volta. É uma viagem sem retorno, coisas ficarão para sempre gravadas no inconsciente, cenas entrarão em suas cabeças para aninharem-se na escuridão da mente, é isto que elas procuram. Nossos demônios sombrios e silenciosos invadem, serenos, através da leitura, os confins dos inconscientes de nossos leitores, logo serão sombras vagando errantes pelos porões alheios. São essas sombras que nosso público quer, você entende? Ao lerem seu livro, me permita que o diga, apenas constatarão tratar-se de uma comédia ingênua em que fantasmas inócuos transitam, débeis, por um palco de fantasias duvidosas. O ‘negro’ não é para qualquer um. Faça outra coisa, insisto, mas não se meta em algo que não está em você, quer dizer, pode até haver algo incipiente, mas que não terá a força necessária para prosseguir. Acredite, é louvável sua intenção literária neste

misterioso terreno, mas saiba, nosso público logo vai farejar a anemia de seu texto, vão considerá-lo um impostor, um oportunista, seria melhor para você desistir agora e não perder seu precioso tempo. – a tarde caía lá fora, atirando sombras sinistras ao fundo do bar; uma delas atingia, caprichosa, o rosto de Rodolfo. A metade da cabeça do escritor adquiria, então, um ar mais sombrio quanto mais submergia em uma penumbra misteriosa, que deixava à mostra um brilho que refletia algo de insano em seu olhar. Parecia que quanto mais a sombra engolia o autor, mais sombrio ficava também seu semblante aos olhos de Enzo. Embora tivesse de reconhecer que o homem emanava uma força que o fascinava, como se realmente aqueles momentos fossem fundamentais para sua carreira; preferiu seguir quieto. O veterano autor liquidou o uísque com dois goles e ao colocar o copo de volta à mesa perguntou: - E então, como ficamos? Você vai mesmo querer bater às portas do inferno carregando letras mortas nas mãos? Vai querer pisar em um mundo desconhecido, carregando apenas sua ingenuidade literária? Ou finalmente vai injetar sangue nisso? Digo, sangue de verdade, não imaginário.

- Sabe, - disse Enzo, saindo de uma espécie de torpor – não me decidi ainda se me assusto com o que você me diz, ou não levo em consideração nada disso. Quem me garante que você não passa de um autor ressequido pela mágoa, que gostaria de ter sido algo que não foi, talvez um Poe?

- Ah, Poe... bem lembrado, quando o corpo de Mary Rogers subiu à tona do rio Hudson, trouxe a sombra de Poe agarrada a ele. Que crime! Passional, intenso! Digno de um homem como Poe!

- Chega! – explodiu Enzo – agora gostaria que se fosse!

- Calma, amigo, só quero lhe demonstrar uma verdade que, me parece, lhe dói à consciência. Você não vai poder fugir disso. Quem não tem sombras não pode escrever sobre elas, se o fizer, é um impostor! Você, meu caro amigo, é um impostor. Deveria ver em mim a única saída, mas age como um garotinho mimado. Assim não irá muito longe, acredite, você invadiu inadvertidamente um pântano brumoso, onde só pode andar quem sabe onde pisa. Você, decididamente, não sabe. Seu arroubo de raiva só demonstra sua falta de frieza em momentos cruciais, realmente, você não sabe nada sobre o que escreve. – o rapaz sentiu um traço de vergonha, quase pediu desculpas pelo seu destempero, mas achou que aí já seria demais. Sentiu no corpo e na mente um cansaço, uma fraqueza, e a sensação de que aos poucos depunha as armas, e se o homem tivesse razão? resolveu então, fazer um pouco o jogo de Zattan.

- Bem, e se eu lhe dissesse que gostaria de escrever para esse público de quem você fala, o que teria de fazer?

- Não bancar o espertinho seria a primeira coisa. Você está falando com a boca, não com o íntimo, assim não funciona. É preciso que queira realmente, mais que isto, é preciso que queira aprender, penetrar em você, escarafunchar seu inconsciente, saltar em abismos escabrosos, mas vejo que infelizmente esta é uma propensão que você não tem. Isto será rapidamente desmascarado em sua incipiente obra, aí você vai lembrar de mim e de nossa conversa. Tomara que quando esse dia chegar não seja tarde, se é que você ainda vai querer ser um escritor, pelo menos de terror. – Zattan puxou um cartão do bolso de sua gabardine e entregou a Enzo – Fique com meu cartão. Se um dia quiser *realmente* entrar neste estranho e fascinante mundo e escrever sobre ele, se quiser satisfazer um imenso público ávido por nossas histórias, me ligue. Se quiser fingir que produz ‘terror’ continue escrevendo suas apostilas colegiais e mude de profissão mais adiante. Fique bem. – o escritor levantou-se, apanhou seu chapéu e deixou uma nota sobre a mesa, que cobria com folga a despesa do

uísque. Enzo apenas fez um gesto com a cabeça e em seguida o homem se foi. Olhou então para o cartão e neste apenas tinha o nome do autor e um número de telefone. Agora o fundo do bar estava imerso na penumbra.

Na noite seguinte houve uma seção de autógrafos em uma pequena livraria no centro da cidade. Pouca gente. Alguns amigos e alguns curiosos; sem contar com aqueles que aparecem do nada, gente desconhecida que vem faturar uma *boca livre*, pois havia alguns salgadinhos, e algumas taças de vinho branco também foram servidas. Na hora das dedicatórias e autógrafos, Enzo sentou-se junto a uma acanhada mesa e as pessoas organizaram-se em uma pequena fila. Ao seu lado, em pé, sua namorada Elisa animava os convidados a virem para a fila, pois o autor já estava pronto. Enzo dificilmente levantava a cabeça, estava sentindo um misto de vergonha e orgulho; se era verdade que autografava seu primeiro livro, também era verdade que imaginava uma pequena multidão neste evento. Um sonhador? Quem sabe, mas o certo é que sentia um desconforto frio. E as coisas pioraram quando duas mãos trêmulas lhe entregaram o livro para autografar. Era uma senhora de idade avançada e simpática que com um sorriso maternal disse ao autor: - Adorei seu livro, querido, adoro livros de terror, adorei aquela parte em que o homem sai detrás da porta com uma faca! Nossa, que medo! – a bonomia das palavras da velha contrastavam com o que julgava de sua obra. Seria isso um deboche? Como assim? Queria aterrorizar, matar de medo, arrepiar; no entanto, recebe o aço frio daquela voz trêmula, ‘adorei’. Só faltou a velhota alisar sua cabeça e sorrir piedosa, enquanto seus olhinhos lentamente se cristalizassem pelas lágrimas. Ora, que espécie de autor era ele? Uma velha! Possivelmente afeita às coisas religiosas e mortificadas pelo uso, vem lhe dizer que ‘adorou’ seu livro. Escreveu qualquer coisa, assinou e devolveu à idosa, que se retirou alegre. Em seguida um amigo lhe alcançou um exemplar: - Porra, cara! Você é doidão mesmo! Que piração, meu! Valeu, dei boas risadas! – Enzo não conseguiu sorrir para o amigo, porra, ‘boas risadas’, diz ele. Seguiu autografando meio constrangido, e em sua frente então parou um garotinho: - Oi, faz uma dedicatória pra mim? – Claro – finalmente sorriu. Enquanto fazia a dedicatória o menino sentenciou: - Minha mãe também gostou. Só que ela disse que aquele cara bem podia usar um martelo em vez de faca! Haha... - Foi a gota d’água. Enzo atirou o livro na mesa e levantou se num gesto abrupto, espantando à todos em volta. Ato contínuo, saiu andando às pressas, os demais queriam saber o que houve, mas Elisa fez alguns gestos para que todos ficassem onde estavam e seguiu atrás do escritor, que saiu porta afora. Caminhou ignorando os chamados da namorada e mais adiante parou e escorou-se em um velho muro pixado. As pessoas passavam apressadas e indiferentes. Elisa botou a mão em seu ombro e finalmente Enzo virou-se para ela.

- Sou uma fraude, Elisa... uma fraude...

- Mas... por que você diz isso? Porque não vieram milhões de pessoas à sua noite de autógrafos, olhe...

- Ora, não nos enganemos, - cortou Enzo - Elisa, por favor! Eu não sou um escritor! Sou um humilde empilhador de palavras, nada mais que isso!

- Querido, no começo é assim mesmo...

- Você não entende não é? Não consigo me comunicar, passar verdade em meus textos, se conseguisse, as pessoas chegariam quietas até mim, com a voz embargada e me olhariam

com quem analisasse uma espécie de extraterrestre. Até meio temerosas eu diria, - *como esse homem escreveu isso?*- pensariam no íntimo de suas mentes chocadas. Mas não, minha noite de autógrafos parece mais um aniversário de criança. Talvez eu tenha mesmo que escrever livros infantis, quem sabe.

- Certo, certo, você quer chocar as pessoas. Então saiba, acho que conseguiu, com seu arroubo temperamental... que é isso, homem? Fazer uma coisa destas, você no mínimo deve respeito às pessoas que vieram lhe prestigiar. Você não acha?

- Me prestigiar... há, essa é boa! Meia dúzia de gatos pingados que...

- Hei, Enzo! – uma voz de homem cortou sua frase, era Alexandre, seu amigo editor e responsável pelo evento. Achejava-se ao casal visivelmente contrariado – Que é isso, meu? Você tem um contrato a cumprir, não faça fiasco, deixe isso para quando for um autor consagrado, vão achar charmosa sua reação, mas até lá, respeite quem lhe deu guarida. Não me decepcione.

Enzo respirou fundo, desculpo-se com a namorada e o amigo e voltou para a livraria para cumprir seus compromissos.

- Não consigo lhe entender! – disse Elisa ao entrar em seu apartamento, juntamente com Enzo, enquanto jogava seu sobre-tudo em uma poltrona. Sua grande noite e você estraga tudo! O que você tem na cabeça?

- É o que eu queria saber, meu amor. – respondeu o namorado enquanto dirigia-se ao bar para servir-se de uísque – Bebe?

- Claro! Preciso urgente de uma dose.

- Então, vamos beber. Pois é, meu amor, preciso rever muitas coisas neste meu trabalho. Tenho só trinta e cinco anos, dá tempo de achar os trilhos certos. – Enzo alcançou um copo com uísque e gelo para a amante – sim, sim, dá tempo.

- Querido, acho bom. Não posso ficar emprestando dinheiro a você o tempo todo. Faço o que posso, e se lhe cobro alguma coisa é justamente que você aproveite as chances que você mesmo cavou. Diga-me se estou errada? – Eliza atirou-se no sofá, retirando e jogando os sapatos de salto alto em direção à porta de seu quarto. Era um belo apartamento de dois quartos, equipado com os melhores móveis e tapetes. Quadros caros ocupavam quase todas as paredes e uma imensa porta corrediça de vidro na sala dava para uma grande sacada com uma bela vista da cidade, que agora sorria, silenciosa, apenas brilhando suas luzes.

- Olhe Elisa, se você quer uma discussão, deixe para amanhã, hoje estou totalmente desarmado. Preciso pensar na vida.

- Não, não quero discutir, querido, é que não fica bem para uma promotora de Justiça ficar desfilando por aí com um João Ninguém, já lhe disse isto, não? Quero que você se dê bem logo, quero dizer a plenos pulmões que vou me casar, se for o caso, com o famoso escritor Enzo Caio. Você me deve isso! Sou a mulher mais boazinha que você pode encontrar, e tenho quase trinta e cinco, meu velho, não posso vacilar. Bem, agora vou tomar um banho bem gostoso, trepar com você e dormir como um anjo.

Enzo estava parado com o copo na mão e mantinha um sorriso sarcástico. Em sua mente tentava montar um quebra-cabeça intrincado. Gostava daquela bela mulher, de cabelos pretos, pele muito branca, olhos grandes, negros e interessados, boca carnuda e provocante. Elisa era magra e alta, porém mantinha formas em sua silhueta. Quando saiu para o banho, o escritor foi à sacada e a brisa noturna desalinhou, mansa, seus cabelos castanhos e finos;

bebericou uísque mantendo os olhos nas luzes cintilantes da cidade. Calmamente botou a mão no bolso do paletó e retirou o cartão de Rodolfo Zattan. - É.. – pensou – é difícil saber qual o lado certo desta porra toda!

Na manhã seguinte Enzo andou a esmo pela cidade. O Sol esquentava as ruas e o rapaz tirou o paletó e o levava no ombro, preso ao seu dedo indicador. Uma velha camiseta branca e a calça *jeans* totalmente desbotada combinavam com o tênis quase furado. Lá pelas tantas parou em frente a um espelho em uma vitrina. – Que estilo, hein, camarada? – falou lá com seus botões – Sim, isto é um escritor! Que desespero embutido neste olhar! Que serenidade falsa nesta postura! – olhou-se nos olhos claros e levemente puxados, o rosto quadrado, a barba por fazer, o vento ameno acarinhando seus cabelos finos, finos como o aro preto de seus óculos. Seguiu andando e a imagem da velha do autógrafo veio à sua mente, - velha filha da puta! Eu poderia matá-la para provar que não sou o que ela pensa! – foi quando seu pensamento desapareceu feito uma bolha de sabão que estoura no ar, pois avistou do outro lado da rua, parado, olhando em sua direção, embora estivesse com óculos escuros, Rodolfo Zattan. A mesma gabardine, o mesmo chapéu, a mesma postura solene. Enzo atravessou a rua em sua direção e um sentimento estranho de felicidade lhe invadiu o espírito; abriu um sorriso para que o velho escritor percebesse que ele vinha portando o cachimbo da paz. Zattan também sorriu. Ao chegar à frente do veterano, saudou: - Nunca imaginei que fosse ficar feliz em lhe ver, mas é a mais pura verdade.

- Eu sei, meu garoto, hehe... posso lhe pagar um café?

- Aceito, mas me diga, está me seguindo? Ou quer que eu acredite que isto foi coincidência.

- Digamos que estou facilitando as coisas. Sei de sua noite frustrada, achei que iria gostar de me ver.

- Você é bem informado, não?

- Faz parte do meu trabalho.

- Pensei que seu trabalho fosse escrever.

- Você já viu um escritor mal informado? Hehe... – ambos riram e saíram à procura de um bar, quando encontraram, sentaram em uma pequena mesa redonda na calçada, havia pouca gente nas outras mesas. Zattan botou seu chapéu sobre a mesa e passou a mão pelos cabelos molhados de suor; puxou um lenço e passou no rosto – Puxa, como esquentou? – pediram dois cafés e Enzo se lamentou:

- Foi uma droga, a noite de autógrafos. Acho que você tem razão, escrevo como um menino. Diga-me, qual o segredo do sucesso dos autores de terror?

- É simples, meu caro, cordeiro não lê cordeiro, cordeiro quer saber do lobo! O que o lobo pensa. É quase um mecanismo de defesa. Ninguém quer saber mais do que já sabe, quer saber das sensações que lhes são proibidas. Quer que alguém lhes descreva as pulsões mais malditas, mais infames, pulsões inomináveis. Coisas que sabem que existem dentro delas, mas que são cimentadas na mais profunda escuridão da existência. É um desejo mórbido, latente, desviado, disfarçado, mas não morto. Sabe, tenho comigo que a civilização é um grande baile de máscaras, e de hipocrisia também, pois basta que você tire a sua, para que todos vejam o que há por detrás de tudo, isso basta aos demais; mais que isto, os reconforta. A máscara passa a ser tudo que eles têm, que eles são, afinal.

- Você diz 'eles', por que, você não usa máscara?

- Meu caro, não dá para viver sem máscara, mas lhe garanto, é impossível escrever com ela. Aí está seu problema, você não tira a máscara para escrever, então, não tem entrinha no seu texto, não tem sangue, não tem olhos injetados e assassinos, instintos maus; temos que escrever nus, ou então procurar outra coisa para fazer, algo que justifique a máscara, até porque, você então vive dela. Qualquer coisa, menos ser escritor, ainda mais do gênero a que se propõe. Terror não é para qualquer ingênuo. Você tem que chocar, e hoje em dia não há mais nada que realmente choque... bem, a não ser que você realmente prove que sabe o que está dizendo. Uma coisa é romancear, outra é descrever; aí pode estar o segredo do sucesso.

- Zattan, você está me assustando novamente...

- Mas é a verdade, você não pode descrever o que não conhece, ou pode? Como quer que acreditem no que escreve? Você já olhou nos olhos de alguém enquanto lhe empurra uma adaga na barriga? Viu o pavor e o pânico em seus olhos? E então, meu caro escritor, me responda. – Enzo acusou o golpe, sentiu um mal-estar. Parecia que Rodolfo lhe encurralava, lhe testava os nervos, resolveu então devolver a pergunta.

- E você, já fez isso?

- Ah, mas que deselegância, amigo, haha... – divertiu-se Zattan – respondendo com outra pergunta! Pois bem, e se eu lhe dissesse que sim, já fiz, e que isso me ajudou muito em minhas narrativas, o que você acharia? Que eu sou um monstro assassino? Ou um profissional zeloso de meu trabalho, indisposto a mentir ao meu público. Que tenho respeito por meus *clientes*. Esta é uma questão moral difícil para você? Então se afaste deste negócio ou escreva sobre outra coisa. A Moral é a primeira coisa que rasgamos quando sentimos que atrapalha nossa arte. Temos *clientes*, sim, muitos, milhões eu diria, compreenda, não posso arriscar perder um mercado milionário por causa de um aventureiro qualquer... Bem, não se ofenda, apenas compreenda, estou lhe oferecendo a chance de seguir adiante, mas para isso terá de ser um dos nossos. É isso.

- Um dos nossos?

- Sim, um dos nossos. Puxa, que droga esse calor! Deveríamos ter pedido algo gelado. Por que você acha que este mercado cresce tanto? Porque somos unidos. E quem não é dos nossos, das duas uma: ou *entra* ou *sai*. Você ouviu bem, 'ou entra ou sai', lhe procurei na esperança de que entre, mas se desistir eu compreenderei. O que você não pode fazer é escrever livros de 'terror' que não aterrorizam, e pior, pode fazer até com que viremos motivo de chacota; acredite, nosso ramo não é dos mais bem vistos pelos chamados 'literatos'. Já somos malditos suficiente para termos que aturar críticas por causa de livros inóspitos com algumas pinceladas de hemoglobina. Agora você vai me perguntar: *e se eu quiser continuar assim mesmo? Como vai me impedir?* Bem, não faria isso se fosse você... não vou me aprofundar, pense o que quiser, mas lembre-se, somos antigos e poderosos. Não surgimos ontem, e talvez você queira puxar um pouco pela memória, e lembrar o que aconteceu com muitos autores do gênero que não quiseram seguir nossos conselhos.

Enzo ficou sério e não conseguia tirar os olhos de Zattan; este nem precisava ir mais longe, tudo vinha na mente do rapaz agora, sim, sabia do desaparecimento de muitos autores do gênero ao longo dos anos, voltando atrás com sua lembrança chegou ao século dezenove onde coisas aconteceram sem uma explicação plausível. Por um momento ficou paralisado e mudo, aquilo era uma novidade assustadora, escandalosa até; as peças se encaixaram com clareza na cabeça do autor novato. Não discernindo a sensação que lhe acometia agora, Enzo preferiu seguir calado. Mas Zattan prosseguiu:

- Claro que você conhece a obra de Thomas de Quincey, certo? bem, espero que conheça; pois é, Thomas escreveu o famigerado livro *Do Assassinato como uma das Belas Artes*, uma obra obviamente provocativa e irônica, porém, à época, e olhe que estou falando do século dezanove, esse maluco quase nos desmascara! Pois muitas pulgas foram parar atrás de orelhas moralistas e desconfiados. Não, os nossos, naquele tempo, não fizeram nada com ele; não havia nada a fazer, foi só uma brincadeira ácida do autor. Thomas não tinha a mínima idéia de que existíamos, aliás, se tivesse, acho que não brincaria com coisas sérias.

- Se entendi bem, - disse Enzo com a voz embargada – vocês levam o crime e o assassinato muito a sério. É isso?

- Levamos nossa arte muito a sério. Se você quer saber, acho mesmo que estamos bem mais acima desse senso comum da condição humana. Somos os artistas da verdade, não mentimos aos nossos *clientes*. É o que esperam de nós.

- Bem, afinal, *o que são* vocês.

- Somos... O Clube.

- O Clube? Que clube, um clube de sangue, formado por escritores criminosos, psicopatas e assassinos?

- Já lhe disse – cortou Zattan, cravando seus olhos negros e agora assustadores, nos olhos do interlocutor – escreva sobre outras coisas. Você não tem escolha fora do que lhe propus. Está muito quente, vou embora, hoje você paga os cafés. – levantou-se, pegou o chapéu e antes de sair encarou mais uma vez o rapaz, sorriu um sorriso desafiador e disse com sua voz forte e aveludada: - Ia me esquecendo, fale de nossa existência à sua namorada promotora, ou para quem for, se você quiser conhecer de perto ‘*o que*’ somos nós. Fique bem. – o homem partiu apressado e logo desapareceu por entre os transeuntes na rua. Enzo estava paralisado, talvez não quisesse ter escutado o que escutou, mas agora era tarde; ou aquilo se tratava de uma grande zombaria, ou estava realmente encrencado, teria de achar outra coisa para fazer. A ser verdade o que Zattan lhe disse, realmente seria uma péssima idéia afrontar a sinistra irmandade, ademais, ficara claro que sabiam dos pormenores de sua vida. Sentia uma espécie de desconforto mórbido, mas algumas idéias brotam de pântanos inomináveis, sendo assim, algo lhe ocorreu: - vamos ver quem é gato e quem é rato nessa história, Sr. Zattan. – levantou-se, deixou algumas moedas na mesa e saiu andando calmamente em direção à uma livraria próxima.

À noite, em seu pequeno apartamento, deitou-se com o livro *Assassinato nas Sombras* de Rodolfo Zattan nas mãos. A luz fraca e amarelada do abajur incidia tímida naquelas páginas reféns da escuridão circundante do pequeno quarto. Quase uma metáfora assustadora. Já no prefácio, as tinturas do que viria já se deixavam desvelar: ‘*O que diferencia o assassino deste livro, é que ele tem o hábito de olhar nos olhos de sua presa enquanto lhe enfia a afiada adaga. Seu prazer está no olhar da vítima, ele ama aquele desespero apavorado e suplicante nos olhos de quem embarca através da dor lancinante da lâmina para a viagem sem volta da morte. Fica sempre e sempre um ‘por que’ naqueles olhos, ao que ele responde: porque eu quero. Pudesse ele satisfazer esta obsessão pelo olhar da vítima de outra maneira, com certeza não teria de purificar tantas vezes sua face através das águas cristalinas, mas pouco nobres, do remorso.* – Enzo fechou o livro de supetão. - Meu Deus! Quem seriam essas vítimas?... ‘ele é louco, totalmente louco! – a

idéia de que possivelmente aquilo tudo era verdade lhe fazia borbulhar o sangue, passou algum tempo até que retomasse a leitura, e quando isto aconteceu, não tirou mais os olhos do livro.

Quando o recém-nascido sol da manhã entrou pela janela do quarto, encontrou Enzo dormindo com o livro aberto sobre o peito nu. Despertou abruptamente, de um salto, sentando em seguida na cama; tinha a respiração ofegante e desencontrada – Meu Deus! Que pesadelo! – aos poucos, as imagens do sonho fugiam ao Sol, escondendo-se furtivas na escuridão materna do inconsciente. Ainda restava viva a imagem de Rodolfo Zattan, com seu sorriso demoníaco, enfiando-lhe a afiada faca na barriga e dizendo: ‘- *Olhe para mim, olhe nos meus olhos, vamos, olhe para mim!*’ – Caralho! Terei forças para levar meu plano adiante? Esta é a história de uma vida, o sonho de qualquer escritor de menor quilate como eu! Tenho que continuar... - levantou-se e cambaleou através de móveis velhos e objetos espalhados pelo caminho, seguiu até o banheiro. Olhou-se no espelho. – Coragem, meu velho, a chance de sua vida apareceu, jogou-se aos seus pés... agarre-a! Não vá fraquejar! – sim, Enzo havia planejado entrar para o Clube. A ser verdade o que velho escritor lhe confidenciou, havia uma grande história por desvendar, enfim, um grande livro a ser escrito. Iria sacudir o Ocidente! Tudo de um golpe só! A celebridade, o reconhecimento, a coragem, o desmantelamento de uma organização criminoso! O grande Enzo Caio! Escritor destemido, que entrou no ventre da serpente para acabar com ela! Isso tudo o excitava muito, quase lhe tirava o fôlego; porém havia um problema: como convencer Zattan de que estava apto a pertencer ao Clube? E se o criminoso percebesse o ardil? Com certeza desapareceria sem deixar vestígios. Um jogo perigoso, mas para quem não tem nada, este perigo era tudo que tinha. Precisava dissimular, persuadir, mentir... olhar nos olhos de Rodolfo sem deixar que este tivesse a mínima chance de ler a falsidade na qual estaria travestido. Jogo duro. Não, não... não poderia deixar passar a chance dourada de sua vida, tão pobre em oportunidades. Tinha que encontrar forças, principalmente por ser esta uma jornada perigosamente solitária, nem Elisa poderia saber, até porque, conhecendo a namorada, sabia que esta de imediato iria querer tomar providências, pondo tudo a perder; ademais, lembrava-se das palavras perigosas e ameaçadoras de Zattan. Não iria botar ninguém em risco, só a sua própria pele. Estava decidido.

O CLUBE

Cap 02

NO VENTRE DA SERPENTE

- Somos amigos há quanto tempo? – disse Alexandre, seu amigo e editor, sentado em sua mesa no acanhado escritório. À sua frente, Enzo estava sentado em uma cadeira e tinha as pernas esticadas e com os pés desleixadamente cruzados sobre a mesa do editor – Vinte anos? Bem, então acho que posso lhe dizer: se quiser brincar de escritor o problema é seu; mas eu não estou brincando, quero ser um empresário de algum respeito. Por conta desses vinte anos, permita que lhe diga: você não está com essa bola toda para ter faniquitos em noite de autógrafos. Nem quero saber o que lhe deu, quero que me prometa apenas que não se repetirá, não tenho saco para tanto! Acredite.

- Veja como fala com quem vai lhe tornar um homem rico! Creia, meu próximo livro será um estouro fantástico. Aí sim, terei o prazer de visitá-lo e encontrar meu editor em ternos realmente caros, e não com esse uniforme de burocrata de segunda linha! Ah, ficaremos ricos, confie em mim.

- Confiar em você... heí! O que há com meu terno? – Alexandre levantou-se e olhou-se, ajeitou a gravata, e olhou para Enzo, que tinha um ar impertinente de deboche no rosto – Paguei quinhentos neste terno! Você é um fodido mesmo! Não tem merda no cu pra cagar e vem zoar comigo! Alguém por aqui tem que levar as coisas a sério. – sentou-se novamente

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

